

## A FORMAÇÃO DA PAISAGEM NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ARAÇATIBA, VIANA – ESPÍRITO SANTO

### THE FORMATION OF THE LANDSCAPE IN THE QUILOMBOLA COMMUNITY OF ARAÇATIBA, VIANA – ESPÍRITO SANTO

Marcos Aurélio dos Santos Vertelo <sup>1</sup>

Alencar de Miranda Amaral <sup>2</sup>

Henrique Antônio Valadares Costa <sup>3</sup>

**Resumo:** No presente artigo buscamos refletir sobre os aspectos físicos, sociais e simbólicos da paisagem de Araçatiba, uma antiga fazenda jesuítica localizada no município de Viana, Espírito Santo, onde atualmente está instalada a comunidade quilombola homônima. Assim buscamos apresentar e problematizar como algumas das mudanças da paisagem local se conectam com as transformações que ocorreram ao longo do tempo e possibilitaram a constituição de uma “territorialidade negra” em Araçatiba. **Palavras-chaves:** Quilombo, Territorialidade Negra; Espírito Santo.

---

**Abstract:** In this article we seek to reflect on the physical, social and symbolic aspects of the landscape of Araçatiba, a former Jesuit farm located in the municipality of Viana, Espírito Santo, where the homonymous quilombola community is currently located. Thus, we seek to present and problematize how some of the changes in the local landscape relate to the transformations that occurred over time and enabled the constitution of a “black territoriality” in Araçatiba. **Keywords:** Quilombo, black territoriality; Espírito Santo.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. E-mail: marcosvertelo62@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco – (PPArque Univasf), e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: alencar.amaral@univasf.edu.br

<sup>3</sup> Doutor em Arqueologia pela USP. Arqueólogo da Prefeitura Municipal de Vila Velha – ES. Instituto de Pesquisa Arqueológica e Etnográfica – Adam Orssich (IPAE). E-mail: henriarqueologia@gmail.com

## Introdução

Neste artigo, que é um recorte da dissertação intitulada *Terras de Santo, Terras de Herdeiro e Terras de Preto: territorialidade negra e Arqueologia nas comunidades quilombolas de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo (ES)* (Vertelo, 2023), analisaremos o processo de construção da paisagem da comunidade quilombola de Araçatiba, que fica localizada na cidade de Viana, região metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo. Para tanto, tomaremos como base as narrativas compartilhadas por diferentes moradores desta comunidade, e um conjunto de fontes imagéticas que remetem às histórias e afetividades locais.

Nosso objetivo central é compreender a formação e transformação da paisagem local ao longo do tempo, dando especial atenção aos aspectos físicos, sociais e simbólicos desse processo, para que assim possamos conhecer a história de formação da comunidade quilombola de Araçatiba e refletir sobre o processo de constituição de uma *territorialidade negra*.

## Breve histórico de Araçatiba

A fazenda Araçatiba foi fundada no início do século XVIII e logo passou para a administração dos jesuítas. Neste período tinha como missão a manutenção do colégio de São Tiago, localizado na capital da capitania do Espírito Santo, em Vitória, que funcionava como sede administrativa da Companhia de Jesus em terras capixabas. Sua produção era de suma importância para a manutenção da casa dos padres. Entre suas produções se destacavam o açúcar, cereais e a criação de gado, sendo que parte dos excedentes era exportada (Vertelo, 2017).

Esta propriedade teve extrema relevância para a atuação da Companhia de Jesus em terras capixabas durante o século XVIII, e com a expulsão dos jesuítas em 1759, os bens inicianos da capitania do Espírito Santo foram confiscados pela Coroa portuguesa, e posteriormente arrematados por Francisco Antônio de Carvalho. Em seguida, a propriedade passou para o condestável Torquato Martins de Araújo. Segundo relatos, Torquato passou a fazenda Araçatiba para o Coronel Bernardino Falcão de Gouveia Machado, no final do século XVIII (Balestrero, 1979).

Araçatiba foi descrita como a maior fazenda do litoral brasileiro, contando com 400 pessoas escravizadas, segundo relato do príncipe viajante Maximiliano Wied-Neuwied (1989), que

passou pela região no início do século XIX. É bem provável que o Coronel Bernardino tenha passado a fazenda para seu filho, Sebastião Vieira Machado, no início do século XIX, pois na década de 1820, Sebastião já aparece como proprietário da fazenda. Em 20 de janeiro de 1856 o fazendeiro Sebastião Vieira Machado veio a óbito, foi sepultado dentro da igreja de Nossa Senhora da Ajuda, que foi construída dentro da fazenda Araçatiba no período jesuítico. Seu inventário *post mortem* revelou a existência de 346 pessoas escravizadas, um número próximo ao relatado pelo príncipe no início do século XIX. Após sua morte, seus herdeiros partilharam os bens e fragmentaram a fazenda Araçatiba (Vertelo, 2017).

No território da fazenda Araçatiba se desenvolveram várias comunidades no pós-abolição. Sendo três que se autodeclararam quilombolas: a comunidade de Jacarandá, a comunidade de Mucambo e a comunidade de Araçatiba, que é a comunidade quilombola que abordaremos neste artigo.

Esta comunidade quilombola se desenvolveu na sede da antiga fazenda homônima, no chamado morro da capela e foi oriunda de uma doação de terras que os herdeiros da fazenda fizeram à Santa Nossa Senhora da Ajuda, em 21 de abril de 1894 (Vertelo, 2017, p. 78).

Na comunidade quilombola de Araçatiba vivem aproximadamente 200 famílias, o local foi a sede da fazenda homônima nos séculos XVIII e XIX, no início do século XX, foi distrito do município de Viana<sup>4</sup>. Nessa comunidade está localizada a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, uma construção jesuítica do início do século XVIII, juntamente à ruína da antiga residência dos padres, e a provável localização da antiga casa-grande. Além da ruína do antigo entreposto comercial e a localização dos dois portos que existiam na sede da fazenda. Outro marco paisagístico importante é o morro de Araçatiba (Figura 1), que pode ser visualizado em todas as áreas do povoado.

---

<sup>4</sup> Atualmente a comunidade quilombola de Araçatiba fica na cidade de Viana, na ES-476, o acesso à comunidade pode ser feito pela BR-101, na altura do bairro Jucu. A comunidade fica a aproximadamente 28 km da cidade de Vitória, capital do Espírito Santo.



Figura 1: Entrada da comunidade quilombola de Araçatiba. Ao fundo o morro de Araçatiba. Fonte: Acervo pessoal, 2021.

A comunidade atualmente conta com alguns estabelecimentos comerciais, time de futebol, posto de saúde, unidade escolar, associação de moradores, banda de congo e transporte coletivo. Cabe ressaltar que no ano de 2024 sua história esteve presente no enredo da escola de samba Independente de Boa Vista, que é uma escola de samba capixaba que conquistou o vice-campeonato no desfile das escolas de samba do Espírito Santo neste ano (2024). A relevância deste contexto para múltiplos aspectos da história e sociabilidade afrodiáspórica em terras capixabas pode ser percebida em um pequeno fragmento do samba-enredo:

Em Araçatiba a nossa raiz/ Africanidade quilombola/ Revivo a história/  
Dos meus ancestrais/ É doce a caiana dos filhos d'ajuda/ Amargo passado  
dos canaviais/ Bate tambor, congo ê! / Nini vai contar/ Mulemba menina  
derrama seu pranto no chão/ Bate tambor, congo, ê! / Mãe Petronilha/  
Herança, orgulho da região<sup>5</sup>

Neste pequeno trecho do samba-enredo percebemos a diversidade e complexidade das relações sociais que ao longo do tempo se desenvolveram em Araçatiba, indicando ainda as múltiplas possibilidades de investigação deste contexto. Portanto, cientes de nossa

---

<sup>5</sup> Letra do samba-enredo da Escola de Samba Independente de Boa Vista. Interprete: Emerson Xumbrega. Composição: Renan Fraga / Diego Troup / Ewerton Fernandes / João Machado / Thiago Lopes / Lico Sambista / Yury Freitas / Wesley Silva / Felipe Viana. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gres-independente-de-boa-vista/samba-enredo-2024-samba-oficial/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

incapacidade de explorar aqui diferentes aspectos de Araçatiba, optamos neste artigo por analisar um pouco da história desta comunidade quilombola, tendo como foco a constituição de sua paisagem.

Partimos do pressuposto que as paisagens são construídas, conceitualizadas e ideacionais<sup>6</sup> e, assim sendo, estão ontologicamente associadas a processos identitários, sociais e de transformação<sup>7</sup> (Lino, 2012).

Deste modo, ao analisarmos a história da fazenda Araçatiba e sua transformação em comunidade quilombola pretendemos entender sua dinâmica de formação, tendo como foco, as dimensões física, social e simbólica de sua paisagem. Como discutido por Boado (1999) essas três dimensões são indissociáveis e, assim sendo, nas páginas a seguir, mesmo quando nossas descrições privilegiarem um de seus aspectos, buscaremos explorar e compreender como ao longo do tempo se deram as relações socioambientais que moldaram a paisagem de Araçatiba.

### **De Fazenda a Comunidade Quilombola: a dimensão física da paisagem de Araçatiba**

Iniciaremos nossa análise sobre a paisagem de Araçatiba tendo como ponto de partida uma publicação da revista *Vida Capichaba*, de 1931. Trata-se de uma produção textual intitulada “Rio

---

<sup>6</sup> “As paisagens construídas são muito mais verificáveis no espaço pesquisado, pois se referem diretamente àquelas evidências materiais registradas por boa parte dos arqueólogos, formadas por estruturas diversas que geralmente levam o nome de “sítio arqueológico”. Em muitos estudos, inclusive, é o único “tipo” registrado e considerado na interpretação, possuindo correlação com a definição da UNESCO para a paisagem classificada como “claramente definida”, isto é, nitidamente transformada por ação antrópica. Já as paisagens conceitualizadas possuem como características básicas as ações de cunho religioso, artístico e cultural investidas na paisagem, mas não necessariamente transformadas por atividades humanas. Por fim, as paisagens ideacionais são construídas das percepções imaginativas e emocionais daqueles grupos ou indivíduos que a conceberam e ali viveram e que podem parcialmente serem acessadas pela arqueologia em contribuição com outras áreas, como antropologia com foco nos mitos e na história oral [...]” (Lino, 2012, p. 63).

<sup>7</sup> “[...] **paisagem como identidade**: os povos marcam a paisagem com seus signos de identidade, e em contrapartida, o meio social cria seus sinais de identificação com seus ocupantes, criando-se em certos espaços, portanto, elementos que forneçam a substância identitária, a identificação do eu com o mundo; **paisagem como ordem social**: as paisagens oferecem pistas para a interpretação das diferentes sociedades, ela mesmo agindo como meio onde os indivíduos negociam e estruturam a organização social e as relações culturais; **paisagem como transformação**: mudam-se as paisagens de modo lento ou abruptamente, mas as razões devem ser investigadas considerando-se múltiplos fatores, como os momentos históricos envolvendo tensão, contestação, conquistas externas e até catástrofes naturais. Além disso, aqui cabe referenciar que os antigos sítios podem, com o passar do tempo, receber novos usos e significados, ou ainda feições geológicas naturais serem interpretadas no presente como monumento de povos do passado” (Lino, 2012, p. 63-64).

acima”<sup>8</sup>. A simbiose entre os aspectos físicos, sociais e simbólicos da paisagem de nossa área de estudo ficam evidentes na narrativa realizada por Arnunpho Neves, e apresenta-nos parte do trajeto que era feito de canoa entre a capital do Espírito Santo, Vitória, até chegar a Araçatiba, como veremos a seguir.

[...] De repente, apresentou-se á prõa a embocadura de um pequeno afluente do jucú.

Os homens da tripulação arriaram o traquete e empunharam as varas outra vez.

– O snr. É destas bandas? Perguntei ao mestre.

– Sou, menino; eu sou d’Araçatiba, respondeu num dialecto cantado e moroso.

Agora, o rio que percorríamos era muito estreito e raso.

A canõa estava sempre a arrastar o fundo no leito arenoso.

Nas margens, desertas de habitações humanas, pequenas manadas de gado pastavam.

O sol ia declinando, quando o mestre, apontando para um morro, ligeiramente azulado pela distância, disse: – Ali é Araçatiba.

Respirei, satisfeito.

Ele compreendeu meu desejo de chegar.

– Não tenha pressa; lá só estaremos depois das cinco horas.

O rio tem tantas voltas!...

E era mesmo: o riozinho zigzagueava cada vez mais, lavando os pés a um labirinto de montes, de pequena elevação, uniformes.

Eu não despregava a vista do tal morro de Araçatiba, que se diferenciava dos demais apenas por ostentar um cocoruto verde-escuro de coqueiros. Umás vezes eu o via tão perto, que julgava ter o mestre pilheriado, quando dissera precisarmos do resto do dia para alcançá-lo; doutras ele se ia distanciando, distanciando até se perder de vista.

O sol parecia obedecer á vara de um magico caprichoso, dançando No céu, percorrendo-o em todas as direcções.

Bandos de japiras, em murmurinho, desciam dos montes, internando-se nas várzeas estreitas e sombrias.

– São os meninos que vêm da escola! Exclamava a velhóta com um suspiro de saudade, acompanhando com a vista a evolução ordenada das avezinhas.

Multidões de passarinhos verdes, em ensurdecidora algazarra, espantavam se, abanando as ingazeiras frutificadas, em cada sombra sericóras cantavam:

<Três potes, um côco... Três potes, um côco...>

E a tarde ia-se sem pressa, lânguida, fazendo borbotar da folhagem miríades de insectos zumbidores.

---

<sup>8</sup> Texto retirado da Revista Vida Capixaba, edição nº 277, p. 34,36. Disponível no site da biblioteca Nacional. <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/vida-capixaba/156590>. Acesso em: 01 nov. 2023.

No firmamento muito limpo, uma estrela longinqua piscava uns olhinhos de garôta namoradeira.  
Agora o morro de Araçatiba esta sempre a querer nos barrar o caminho.  
Uma verêda, aberta num estreito brejal, levou-nos a um porto, onde vi, amarrados, algumas canôa do tipo da nossa.  
A velha tirou de uma trouxa um pente e começou a alisar os cabelos.  
Os tripulantes foram separando o que a cada um pertencia.  
Um casaca de aparência pobre, dispersas na capoeira...  
Porcos comendo milho no terreiro...  
Era Araçatiba.

O texto apresenta-nos um diálogo entre um passageiro e um mestre canoeiro durante o percurso do rio Jucu acima até a chegada em Araçatiba. Como visto, neste diálogo o canoeiro vai descrevendo diversos elementos da paisagem que se desvela à medida que a embarcação avança em sentido a Araçatiba; assim, esta fonte nos fornece uma imagem ao mesmo tempo poética e vívida do ambiente físico e sociocultural daquela região, ainda na primeira metade do século XX. No diálogo não apenas as características ambientais dos rios (sinuosidade, profundidade, fauna a ele associada) são descritas, mas também é demonstrado a sua importância como via de acesso e escoamento na região. Do mesmo modo, chama atenção como o morro de Araçatiba (figura 2) é um elemento importante tanto nas falas e reflexões do canoeiro quanto na do viajante, visto que o mesmo se destacava naquela paisagem e servia como referência geográfica, além de ser o ponto de chegada e identificação do povoado de Araçatiba.

Portanto, devido a importância do morro de Araçatiba para a região, iniciamos nossa análise tomando-o como referência (Figura 2). Esta grande formação granítica coberta por vegetação típica da Mata Atlântica fica localizado no centro da antiga fazenda Araçatiba, ao redor dele se desenvolveram entre os séculos XVIII e XIX as principais atividades socioeconômicas da fazenda, e posteriormente ali se consolidou a comunidade quilombola que também recebe o mesmo nome. Cabe ressaltar que é possível avistar este morro de diferentes pontos da antiga fazenda Araçatiba, e inclusive de diferentes cidades da microrregião de Vitória, sendo ele, portanto, um importante marco paisagístico e de localização na região.



Figura 2: Imagem do atual Bairro Araçatiba. É possível ver algumas residências, a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda e ao fundo o morro de Araçatiba. Fonte: Banco de Dados do LEENA/UFES, acervo do PET Cultura, fotografia de Rubens Teixeira, 2012.

Deste modo, fica evidente que aspectos da geografia local (especialmente o morro de Araçatiba e a rede fluvial) foram levados em consideração para instalação da Fazenda Araçatiba, estando sua casa sede e a igreja instaladas nas proximidades do Morro de Araçatiba, no chamado morro da capela; enquanto na planície logo abaixo, onde estavam localizados os cursos d'água, estavam as plantações.

Para o contexto escravagista não há documentação imagética que nos traga informações sobre aspectos da dimensão física ou social da Fazenda Araçatiba, todavia, as fontes escritas nos fornecem alguns dados. Assim, o inventário *post mortem* de Sebastião Vieira Machado nos revela que em 1856 a propriedade:

(...) contava com 44 senzalas, sendo que uma dessas era nobre e nova; um armazém no porto da fazenda Araçatiba, onde muito provavelmente se escoava a produção até a capital Vitória; duas casas-grandes, que ficavam em locais distintos, uma na sede da fazenda e outra em um lugar chamado Jacarandá, também pertencente a fazenda Araçatiba; dois engenhos que estavam distribuídos da mesma forma, um na sede e outro em Jacarandá; uma casa e tenda de ferreiro; uma casa e trem de farinha; uma casa e moinho de pilar café; uma casa de olaria e seu forno. Além das construções a fazenda contava com animais como vacas, bois, cavalos, éguas, carneiros, cabritos e porcos. Esses animais equivaliam a 4,4% do montante total dos bens inventariados. Havia, também, uma plantação de mandioca, no lugar chamado Itaúnas, que também pertencia a fazenda Araçatiba; e cerca de 49.416 mil pés de cafés. Nessa perspectiva, fica



evidente que a produtividade da fazenda Araçatiba era muito diversificada. Para escoar essa produção a propriedade contava com dez carros de boi, e tinha cerca de setenta e dois bois para puxá-los, mais dois cavalos e uma mula de carga. O transporte dessas mercadorias e também dos habitantes desta propriedade eram feitos por terra como descrito, muito provavelmente por esses carros de boi; mas é possível inferir que também se utilizassem o transporte fluvial, pois o inventário trouxe a lume a existência de sete canoas, sendo três grandes, duas médias e duas pequenas, além das canoas havia uma tolda (Vertelo, 2017, p. 32).

Percebemos que a dimensão física da paisagem local naquele período se estrutura em consonância com as atividades econômicas e produtivas da fazenda, havendo uma série de espaços e, provavelmente construções, instalados para essas finalidades. Entre esses, chama a atenção o grande número de “senzalas”, que provavelmente em sua maioria seriam do tipo “cabana”, e possivelmente aquela descrita como “nobre e nova” do tipo barracão ou pavilhão, tal como definido por Slenes (1999).

A partir do final do século XIX e início do século XX, surgem algumas fontes cartográficas e imagéticas que nos auxiliam a entender tanto as características que a paisagem local assumia em determinados momentos quanto às transformações que ocorreram ao longo do tempo. Entre estas fontes temos uma planta da fazenda Araçatiba elaborada no ano de 1894 (Figura 3)

O referido documento foi elaborado no contexto da promulgação da lei de terras na província do Espírito Santo, lei que se efetivou no ano de 1892, fazendo com que as propriedades rurais tivessem que buscar uma regularização. Assim, a planta apresentada acima (Figura 3), foi feita a pedido dos herdeiros do coronel Sebastião Vieira Machado. É possível observar que a área da fazenda é bem menor do que aquela que aparece nos documentos do início do século XIX, dado o processo de fragmentação ocorrido após a morte do coronel. Observamos ainda que a área de plantação, destacada em preto, estende-se na planície às margens dos rios que cortam a propriedade; já os pontos em vermelho indicam as construções, localizadas em grande parte na sede da fazenda, e em número muito menor do que aquelas descritas no inventário *post mortem* de Sebastião Vieira Machado.

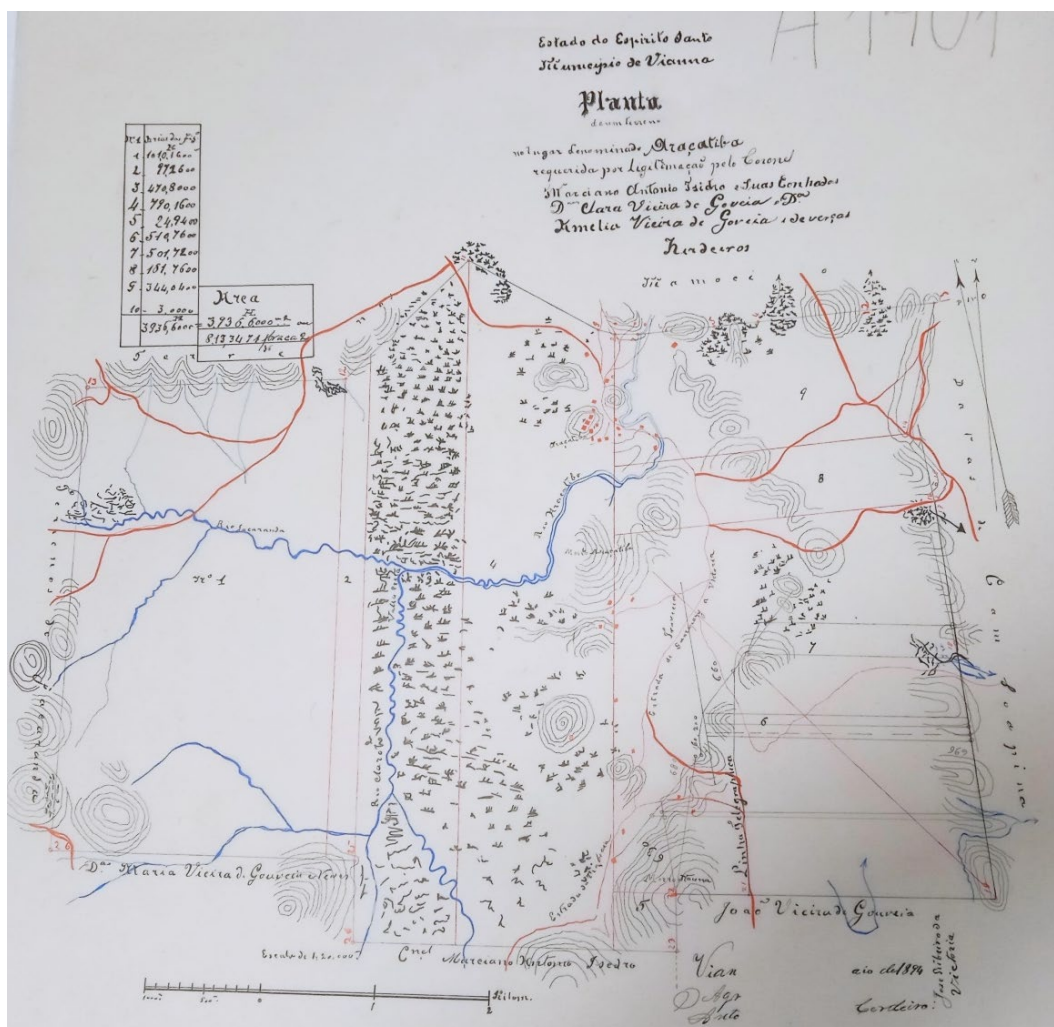


Figura 3: Planta da fazenda Araçatiba (maio de 1894). Nesta planta a propriedade já aparece dividida entre os herdeiros do Coronel Sebastião Vieira Machado. Fonte: Banco de Dados do LEENA/UFES, acervo PET Cultura.

Como dito anteriormente, esta planta da fazenda foi elaborada justamente no ano em que os herdeiros do coronel Sebastião fizeram a doação de partes de suas terras (área onde se encontrava a igreja, casa grande e seu entorno) à Nossa Senhora da Ajuda. Assim, são nessas terras que a comunidade afrodescendente se fixa, no imediato pós-abolição, dando origem à comunidade quilombola de Araçatiba. De certa forma, essa planta é o único documento cartográfico que temos sobre o início da formação da comunidade quilombola de Araçatiba, sendo poucas também as imagens sobre a reconfiguração da paisagem local após o desmembramento da fazenda.

Apesar disso, algumas imagens (Figuras 4, 5 e 6) produzidas entre a primeira década até meados do século XX, nos trazem algumas informações sobre as transformações físicas da paisagem

local, bem como dos primórdios da organização espacial da comunidade quilombola de Araçatiba.

Na figura 4, produzida na primeira década do século XX, é possível ter uma noção de alguns dos aspectos físicos da paisagem da comunidade quilombola de Araçatiba, no começo de sua formação. Destacam-se as moradias simples que foram construídas de forma espaçadas. Parece haver uma preocupação em não ocupar a frente da igreja de Nossa Senhora da Ajuda, que está no alto do morro. A igreja por sua vez tem a presença de algumas edificações menores ao lado esquerdo e uma edificação maior (antiga residência dos padres jesuítas) na lateral direita da igreja. É possível perceber alguns moradores, ao que parece em suas atividades diárias, além da presença de um moinho movido a tração animal, e próximo a este moinho parece estar em andamento a construção de uma choça.



Figura 4: Foto da Igreja Nossa Senhora da Ajuda, em Araçatiba, sem autor (início do século XX). É possível notar a presença do casarão ainda erguido, ao lado da torre da igreja. Fonte: Fundo documental do Iphan-ES.

Já na figura 5, de meados do século XX, é possível perceber algumas alterações. A edificação que ficava na lateral direita da igreja parece ter sido demolida, e o moinho já havia sido desativado naquele momento. No sopé do morro, onde ficava o moinho, podemos observar a construção de no mínimo três novas residências, indicando um crescimento da comunidade. Também chama a atenção os postes de madeira, que podem indicar a disponibilidade de energia elétrica na comunidade, e o automóvel no canto inferior da fotografia.



Figura 5: Frente da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda no alto do morro da capela. Foto provavelmente de meados do século XX. Fonte: Acervo da biblioteca do IBGE.

Já na figura 6, também de meados do século XX, fica perceptível que as construções estão em maior número na parte de baixo do morro e nas laterais da igreja. É possível notar a presença de dois sobrados, sendo que o maior era o antigo entreposto comercial de Araçatiba.

Na atualidade, mesmo estando situada em um contexto rural, alguns serviços urbanos estão disponíveis nesta comunidade. Seus moradores, em sua maioria, trabalham e estudam em cidades vizinhas. A imagem a seguir (Figura 7) nos ajuda a termos uma dimensão atual da comunidade quilombola de Araçatiba. É possível termos uma dimensão do processo de urbanização pelo qual a comunidade passou, destacando a mudança no estilo das construções, ocorre uma implementação de uma malha viária e percebemos que a igreja de Nossa Senhora da Ajuda permanece como marco da paisagem.

Nas últimas décadas a comunidade passou por mudanças significativas, porém as construções respeitaram, em certa medida, a frente da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, conforme imagem acima (Figura 8). Em certa medida, pois espaços e memórias estão em permanentes disputas, tanto no passado, quanto no presente.

Apesar de escassa, a documentação existente nos traz subsídios importantes para conhecermos os aspectos físicos da antiga fazenda e da formação da comunidade quilombola de Araçatiba,

no final do século XIX até meados do século XX, sendo evidente que as transformações que foram ocorrendo na paisagem também são um reflexo das mudanças sociais que ali ocorreram. Deste modo, a seguir buscaremos explorar alguns elementos da dimensão social e simbólica da paisagem da nossa área de estudo.



Figura 6: Imagem do morro da capela (comunidade quilombola de Araçatiba). Fonte: Acervo Digital Iphan.



Figura 7: Imagem aérea da comunidade quilombola de Araçatiba – 2019. Fonte: Foto de Adeysivon Siqueira. *Facebook* da Prefeitura de Viana, 2019.



Figura 8: Visão da comunidade de Araçatiba (Morro de Araçatiba ao fundo e Igreja de Nossa Senhora da Ajuda). Fonte: Acervo pessoal, 2021.

### **De pessoas escravizadas a quilombolas: aspectos sociais e simbólicos em Araçatiba**

Certamente há uma indissociável e ontológica conexão entre os aspectos físicos, sociais e simbólicos da paisagem, e foi puramente por fins didáticos que optamos por abordá-los em tópicos distintos neste texto. Essa ressalva se faz necessária, pois nas linhas seguintes partiremos dessas conexões, todavia aqui, nosso foco será direcionado aos aspectos sociais e simbólicos. Assim, reconhecemos que os diferentes espaços que compunham a fazenda Araçatiba (igreja, senzalas, áreas de plantação, engenhos, etc.) não eram apenas cenários inertes do ambiente físico e geográfico, aqueles sem dúvida eram o *lócus* de uma variada gama de relações sociais entre pessoas escravizadas, libertas, os proprietários da fazenda e seus agregados, além das pessoas livres que trabalhavam ou circulavam por aquela região. Obviamente, aqui não temos a pretensão de explorar toda a complexa rede social e simbólica que ali se engendraram ao longo do tempo, todavia, almejamos apresentar alguns exemplos que nos ajudem a identificar alguns dos aspectos sociais e simbólicos da paisagem de nossa área de estudo.

Conforme discutido anteriormente, são poucas as imagens da Fazenda Araçatiba, especialmente no contexto escravagista, sendo as fontes escritas (especialmente os inventários e descrições de cronistas) e orais os principais meios de informações sobre o cotidiano das pessoas que ali viveram no final do século XIX e início do século XX, sendo elas que subsidiaram esta parte de

nosso texto. Uma exceção a este cenário é a fotografia, provavelmente, do início do século XX, do antigo porto da fazenda Araçatiba e do entreposto comercial instalado próximo a ele (Figura 9).

Na parte inferior esquerda da figura podemos observar a importância do rio Araçatiba para as atividades cotidianas das pessoas que ali moravam, em suas margens era realizada a lavagem das roupas e suas águas eram empregadas para os afazeres domésticos. Além disso, a grande canoa monóxila no canto inferior direito da imagem também demonstra sua importância enquanto via de transporte na região; não por acaso, na parte superior da imagem vemos o sobrado e o prédio, que funcionavam como entreposto comercial que armazenava tanto mercadorias a serem despachadas para Vitória quanto aquelas que vinham da capital e de outras regiões. Apesar da qualidade da imagem, é possível observar algumas pessoas no local, além de mais duas canoas em terra firme.



Figura 9: Antigo porto e entreposto comercial de Araçatiba. Fonte: Fotografia de Eutychio d’Oliver. Fundo documental do Iphan-ES, coleção Eutychio d’Oliver – Um olhar sobre o Espírito Santo do início do século XX.

Como discutido por Vertelo (2017, p. 94), além de ser um ponto de distribuição de produtos vindos da capital e comercialização da produção regional, o porto e o antigo entreposto

comercial serviam tanto de espaços de circulação das pessoas escravizadas como das ideias de liberdade, conforme descrito abaixo:

Em outubro de 1880, verificou-se em Araçatiba uma sequência de processos de indisciplinas e a circulação de ideias de liberdade, que razoavelmente pode-se relacionar com os fatos narrados anteriormente. Sendo que, dois destes episódios ocorreram entre os dias 16, 17 e 18 de outubro de 1880. O periódico *O Espírito Santense* descreveu o primeiro como tendo por cenário principal o porto da fazenda de Araçatiba. Tratava-se da denúncia da tentativa de indivíduos chegados da Capital para erguer uma casa nas imediações desse porto. O autor da denúncia no jornal foi o coronel Marciano Antônio Isidro, segundo quem, os herdeiros da fazenda Araçatiba, de cujo espólio era também herdeiro, estavam enfrentando dificuldades em combater o intento.

Queixava-se Isidro que, além de tentarem construir uma casa em terras que não lhes pertenciam, os denunciados estavam atrapalhando o pequeno negócio local. Mas, no segundo episódio, o maior problema para o denunciante estava no fato de os invasores induzirem os escravos dos herdeiros a se libertarem, gerando ali uma onda de insubordinação. Sob a influência dos forasteiros, muitos escravos, segundo o denunciante, não respeitavam mais seus senhores. Reuniam-se, em uma quitanda próxima ao porto de Araçatiba, escravos, crianças e libertos. Estes libertos, segundo Isidro, não tinham ocupação lícita e, juntos com os escravos, ficavam na quitanda dando tiro de espingarda e soltando foguetes fora de hora. Marciano Isidro, o denunciante, afirmava que no mesmo dia foi à Araçatiba acompanhado de uma autoridade policial. Os forasteiros, ao avistá-los, pegaram uma canoa e partiram, antes, porém, avisaram que no outro dia alguém voltaria com força armada e continuaria a construção (Vertelo, 2017, p. 47- 48).

Assim, além de um local de trabalho e comercialização de mercadorias, o porto e o entreposto comercial eram também espaços de sociabilidade e circulação de ideias. Outro local que também apresenta estas características é a Igreja de Nossa Senhora da Ajuda; é no entorno dela que a comunidade quilombola de Araçatiba se instala, tendo inclusive o compromisso de “zelar” por ela, como pode ser observado na fala da senhora Emiliania Coutinho da Silva (matriarca da comunidade conhecida como dona Nini), nascida em 1932:

[...] os descendentes de Sebastião Vieira Machado, eram vinte e um herdeiros. Então ele tinha muita terra e cada qual ficou com uma quantidade de terra. Eles resolveram doar vinte e um hectares [...]. Eles doaram essa terra, para que nós ficássemos morando aqui. Os descendentes, e zelando a igreja. Porque se ficasse por conta dos fazendeiros, talvez derrubaria até a igreja, e corriam com tudo mundo. É por isso, que nós moramos na terra de Nossa Senhora da Ajuda. É um



documento legal, que eles passaram no 1º Cartório de Vitória. Esse documento está na Arquidiocese. Então, tem o nome de todos os herdeiros que doaram a terra. Inclusive da mãe de meu padrinho, Maria Vieira de Gouveia Neves, a minha bisavó, é, avó de mamãe, bisavó! Emilia Vieira de Gouveia, Lindolfo Viera Machado, é, tio do meu padrinho, Augusto Vieira Machado. Porque o Sebastião Vieira tinha muitos filhos. Então é por isso que nós moramos aqui e não saímos daqui, só depois de mortos (Silva, 2011. Entrevistador Marcos Aurélio dos Santos Vertelo – acervo PET Cultura UFES).

Não por acaso, observamos que, ao longo do tempo, na organização espacial da comunidade há uma perceptível preocupação em preservar a frente da igreja, estando as residências construídas a certa distância do pátio central da igreja, afinal ali era “Terra da Santa” e graças a isso os afrodescendentes puderam permanecer no local dando origem, posteriormente, a comunidade quilombola de Araçatiba.

Nini nos ajuda a compreender um pouco mais da paisagem da comunidade quilombola de Araçatiba afirmando que “[...] aqui tudo era mato. Não era nada calçado não. Era pasto, aquela pastagem na comunidade toda [...]”. Cabe ressaltar que a matriarca está descrevendo um cenário da primeira metade do século XX. Em relação ao comércio, D. Nini diz que:

[...] aqui tinha tudo, tinha uma lojinha ali em baixo, eles vendiam seda, vendiam renda, vendiam chapéu. Aqueles homens iam pra festa de chapéu de pelo. Nossa senhora se não tivesse chapéu de pelo não era gente. Terno de caxemira, chapéu de pelo. A venda do seu Moreira, quando eu era criança tinha essa venda. E tinha mais duas vendas que vendia de tudo, carne seca, aquela carne seca [...] aquela gordura amarelinha, peixe, bacalhau. O bacalhau vinha numas barruquinhas assim [...] Era um bacalhau pequenininho, mas, molinho só você vendo. Meu padrinho era apaixonado por bacalhau. Eu não gosto de bacalhau até hoje, de tanto que eu comia quando era criança, não gosto não. Só entra bacalhau aqui na Semana Santa por que eles gostam, eu não gosto não, fora da Semana Santa eu não como [...] (Silva, 2011. Entrevistador Marcos Aurélio dos Santos Vertelo - acervo PET Cultura UFES).

A narrativa de Dona Nini evidencia que além dos produtos vindos dos roçados locais, as pessoas de Araçatiba tinham acesso a uma gama de alimentos, muito provavelmente vindos da capital. Outra coisa que chama atenção é que, ao que tudo indica, o comércio local era pujante, contando com três estabelecimentos que além de alimentos vendiam tecidos e peças do vestuário, sugerindo que algumas décadas após a abolição algumas pessoas em Araçatiba

alcançaram certa estabilidade econômica. Do mesmo modo, percebemos que as vestimentas, ou as roupas de festa (terno de caxemira e chapéu de pelo) além de exemplificar os padrões estéticos apreciados na comunidade, também delimitavam as diferenças socioeconômicas, já que “se não tivesse chapéu de pelo não era gente”.

O cenário descrito por D. Nini, aos poucos vai se transformando, como pode ser observado nas palavras de D. Emília, antiga benzedeira de uma comunidade vizinha à Araçatiba, e que no início da segunda metade do século XX, tinha o costume de frequentar as festas da comunidade quilombola de Araçatiba:

[...] para ir às festas de Araçatiba tinha que levar roupas na sacola para vestir na casa de alguém na comunidade, pois sujava tudo. As casas em Araçatiba pareciam choupana com coberturas de sapê, só tinha uma casa de dois andares, feita de estuque, que foi derrubada [...], [...] as festas eram bonitas e boas “trem bão”, ela dançava que só vendo, dançava forró e batida de tambor. Muita gente frequentava, enchia de gente de fora [...], [...] tinha o coreto, que faziam festas nele, festa de São Benedito [...] (Ferreira, 2013. Grupo de Pesquisa PET Cultura – acervo PET Cultura UFES).

Destacamos na narrativa de D. Emília que neste cenário bucólico, de moradias simples e dificuldades de acesso, as “festas” reconfiguravam a paisagem, erigindo espaços de sociabilidade e diversão, onde as roupas novas poderiam ser exibidas, os pares de dança, e também românticos, poderiam se formar, e de certa forma os santos e a vida poderiam ser celebrados, consolidando assim os laços de solidariedade e cooperação tanto entre os moradores locais como com pessoas das comunidades próximas.

Na fala de D. Emília também chama a atenção como nas festas em Araçatiba a origem afrodiáspórica dessa comunidade fica evidente, visto que a “batida de tambor” era algo recorrente e que até hoje se mantém com a banda de Congo Mãe Petronilha<sup>9</sup>, como veremos daqui a pouco. Mas antes é necessário registrar a importância destas festas na configuração da paisagem social e simbólica de Araçatiba, com a existência de um calendário próprio

---

<sup>9</sup> Para mais informações sobre a banda de congo da nossa área de estudo consultar Lourenço, 2021.

estabelecido em decorrência dos santos católicos venerados na comunidade. Nas palavras de D. Nini:

Tinha quatro festas. Janeiro São Sebastião, a festa em maio de Nossa Senhora da Penha, a festa de setembro de Nossa Senhora da Ajuda, em dezembro a festa do menino Deus pra encerrar o ano. [...] A festa famosa é a festa de Nossa Senhora da Ajuda, Nossa Padroeira. Nossa Senhora da Ajuda é tudo pra nós. Então essas festas duravam uns dez dias. Porque começa com a novena, feita pelas famílias, cada um queria comprar mais foguetes do que o outro. Então aquela festa era tão animada [...] (Silva, 2011. Entrevistador Marcos Aurélio dos Santos Vertelo – acervo PET Cultura UFES).

A festa de Nossa Senhora da Ajuda foi descrita por D. Nini como a mais importante da comunidade. Cabe ressaltar, que durante anos de pesquisas na região, outros moradores dos arredores desta comunidade quilombola, diziam frequentar a festa. Inclusive, moradores das comunidades quilombolas de Jacarandá e Mucambo dizem que já frequentaram esta festa.

Outro aspecto relevante da paisagem social e simbólica de Araçatiba é a banda de Congo Mãe Petronilha, que é composta por homens, mulheres e crianças de várias faixas etárias, sendo estes: mestres, rainhas, dançarinas e tocadores. Segundo um dos mestres da banda de congo da comunidade, o sr. Alício, “o congo chegou em Araçatiba por meio dos meus avós, pois quando nasci a banda já existia. E quando tinha 17 para 18 anos comecei a participar da banda”<sup>10</sup>.

Deste modo, a banda de Congo é mais um demonstrativo da intrínseca conexão entre os aspectos físicos, sociais e simbólicos da paisagem de Araçatiba, visto que em seus cortejos pelas ruas e casas da comunidade reificam e reafirmam sua conexão com aquelas terras, celebrando a matriz africana de sua composição sem esquecer as chagas do cativo, possibilitando que cantos e toques de tambores, narrativas e memórias sejam compartilhados com as gerações vindouras e sejam a marca indelével da formação de uma “territorialidade negra”.

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida pelo senhor Alício, morador da comunidade quilombola de Araçatiba, um dos mestres da banda de congo Mãe Petronilha. Entrevista realizada no dia 15 de dezembro de 2013. Fonte: Banco de Dados do LEENA/UFES, acervo do PET Cultura.

## Considerações Finais

Diversas pesquisas desenvolvidas nos últimos anos têm demonstrado que assim como ocorreu em Araçatiba, nas últimas décadas da escravidão e no pós-abolição vários foram os casos no Brasil de comunidades afro-brasileiras (quilombolas) que se originaram dentro das antigas propriedades nas quais seus ancestrais viveram, produziram e foram escravizados. Essa apropriação se dava por diferentes meios que iam desde as revoltas até compras, heranças ou doações, apresentando sempre um caráter coletivo.

Segundo Bandeira (1988), nesses processos, assim como nos quilombos formados a partir da fuga dos escravizados, é possível observar a gênese da formação de uma “territorialidade negra”, que, segundo o autor, se configura:

[...] como entidade geográfica historicamente associada por negros e brancos à identidade de grupos negros no Brasil, é uma novidade e uma especificidade das comunidades rurais de negros. A territorialidade negra, inequívoca aos negros e aos brancos, configura uma situação específica de alteridade, de cujo prisma refratam alguns aspectos encobertos das relações raciais [...]. A posse da terra, independente das suas origens patrimoniais, se efetiva pelas comunidades enquanto sujeito coletivo, configurando um grupo étnico. A apropriação coletiva é feita por negros organizados etnicamente, como sujeito social. Não se trata, portanto, de posse de negros enquanto pessoas físicas (Bandeira, 1988, p. 22).

Assim, as estratégias dos afro-brasileiros, durante o período da escravidão e no pós-abolição, perpassavam pela apropriação coletiva de terras, que são denominadas de “terras de uso comum”. De acordo com Almeida (2008, p. 28), “tal controle se dá através de normas específicas instituídas para além do código legal vigente e acatadas, de maneira consensual, nos meandros das relações sociais estabelecidas entre vários grupos familiares, que compõem uma unidade social”. Ainda, conforme o autor, a atualização destas normas se efetua em:

Territórios próprios, cujas delimitações são socialmente reconhecidas, inclusive pelos circundantes. A territorialidade funciona como fator de identificação, defesa e força. Laços solidários e ajuda mútua informam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física considerada comum, essencial e inalienável, não obstante disposições sucessórias, porventura existentes. De maneira genérica estas extensões são representadas por seus ocupantes e por aqueles de áreas limdeiras sob a acepção corrente de “terra comum” (Almeida, 2008, p. 133-134 grifos do autor).

No caso da comunidade quilombola de Araçatiba pudemos perceber como a delimitação de seu “território” perpassa pela própria reconfiguração da paisagem. Assim, no processo de transição de fazenda jesuítica e escravocrata a “terras de santo” (Almeida, 2008; Vertelo, 2017), novas edificações surgiram e outras ruíram; nas águas dos rios locais e nas terras que lhes circundam não apenas bens eram transportados e produzidos, mas também ideias de liberdade e solidariedade eram transportadas e cultivadas. Deste modo, nesta “base física considerada comum, essencial e inalienável”, para usarmos as palavras de Almeida (2008), a paisagem se configura também graças aos seus aspectos sociais e simbólicos marcados tanto pela devoção a Nossa Senhora da Ajuda quanto pela banda de Congo Mãe Petronila. Assim, falar das festas que aconteciam ao som do forró e da batida do tambor onde chapéus de pelo, ternos de caxemira e vestidos de seda e renda eram exibidos é rememorar não apenas a trajetória de uma comunidade que se desenvolveu dentro de uma rígida estrutura escravista, mas sobretudo reafirmar que a vida daquelas pessoas, assim como de seus descendentes que hoje vivem em Araçatiba, não deve ser definida pelas chagas da escravidão, mas sim pelo processo de luta e solidariedade coletiva que ao longo dos tempos vem permitindo reconfigurar e ressignificar a paisagem de Araçatiba.

## Referências

- ALMEIDA, A. W. B. de. 2008. Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PGSCA–UFAM.
- BALESTRERO, H. L. 1979. A obra dos Jesuítas no Espírito Santo: sinopse histórica. Viana: [s.n.].
- BANDEIRA, M. de L. 1988. Território Negro em Espaço Branco. São Paulo: Brasiliense.
- COSTA, H. A. V. 2014. Relatório Arqueológico: Projeto de restauração do conjunto arquitetônico e entorno da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda - Araçatiba, Viana/ES. Vitória: Superintendencia do Iphan no ES.
- CRIBADO BOADO, F. 1999. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. CAPA: cadernos de arqueología e patrimônio, n. 6, p. 1-82.
- FAGUNDES, M; PIUZANA, D. 2010. Estudo teórico sobre o uso do conceito de paisagem em pesquisas arqueológicas. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v.8, n.1, p. 205-220.
- LINO, T. J. 2012. A arqueologia da paisagem como enfoque teórico para o estudo arqueológico da guerra do contestado. Tempos Acadêmicos, n.10, p.58-67.

LOURENÇO, K. de O. 2021. Patrimônio Cultural e Território: Banda de Congo Mãe Petronilha de Araçatiba, Viana/ES. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória.

SLENES, R. W. 1999. Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

VERTELO, M. A. dos S. 2017. Comunidade de Araçatiba, Viana, ES: Herança e devoção de afrodescendentes no pós-abolição. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

VERTELO, M. A. dos S. 2023. Terra de santo, terras de herdeiro e terras de preto: territorialidade negra e arqueologia nas comunidades quilombolas de Araçatiba, Jacarandá e Mucambo (ES). Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato.

WIED-NEUWIEND, M. 1989. Viagem ao Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de